

## **Vida e obra de Rosalina Coelho Lisboa: desafios e limiares do método biográfico**

LUZIA GABRIELE MAIA SILVA\*

Rosalina Coelho Lisboa nasceu em julho de 1900, no Rio de Janeiro. Sua juventude foi marcada pelas transformações políticas e sociais ocorridas no Brasil na primeira metade do século XX. Naquele contexto, ela atuava intensamente na vida pública brasileira, participando de congressos em defesa da causa feminina, publicando textos nos principais jornais cariocas e trocando correspondências com o então presidente, Getúlio Vargas, nos quais tratava de política nacional e internacional.

Sua trajetória de vida e seus feitos passaram despercebidos pelo discurso historiográfico. Amiga de Vargas, Rosalina imprimia, silenciosamente, sua marca nas políticas interna e externa durante as décadas de 30 e 40. Correspondia-se assiduamente com Vargas, sempre o aconselhando acerca das melhores medidas a serem adotadas pelo Brasil no conturbado cenário político internacional da época: a necessidade do Brasil se defender da supremacia norte-americana, de se impor perante os demais países latino-americanos, de se posicionar ou não diante dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Além disso, Rosalina atuou intensivamente em favor da causa feminina e do divórcio, utilizando de sua influência política e de seu destacado papel na sociedade carioca na tentativa de angariar melhores condições para as mulheres. Anticomunista fervorosa, estava sempre atenta às ameaças internacionais de implementação do comunismo no Brasil, alertando Vargas dos riscos. Participou também ativamente do movimento integralista e enfrentou várias críticas de seus contemporâneos, que a associavam como simpatizante do nazismo.

Rosalina era filha de Luzia Gabizo Lisboa e de João Gonçalves Coelho Lisboa, um republicano que foi deputado e senador federal pela Paraíba, além de ministrar aulas no Colégio Pedro II e na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.<sup>1</sup> De família influente, Rosalina recebeu desde a infância aulas particulares de professoras estrangeiras e aos 14 anos já havia publicado um poema na Revista *Fon-Fon*, se tornando, um ano depois, assídua colaboradora da Revista *Careta*. Ela casou-se três vezes, sendo que do primeiro casamento ficou viúva

---

\* Mestranda em história e culturas políticas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora doutora Regina Horta Duarte.

<sup>1</sup> Fonte: Rosalina Coelho Lisboa. Verbete. CPDOC

(ainda aos 19 anos); do segundo conseguiu anulação, depois então; casou-se com o empresário Antônio Sanchez de Larragoiti, diretor da companhia de seguros Sul América.

Em 1921 publicou pela editora Monteiro Lobato seu primeiro livro de poemas, *Rito Pagão*, que rendeu a ela a vitória em um concurso literário da Academia Brasileira de Letras. Publicou em 1927 o livro de ensaios *O desencantado encantamento*, pela editora Companhia Nacional, nesse mesmo ano publicou o livro *Conferências*. Escreveu outro livro de poemas em 1932, *Passos no Caminho*, publicado no Brasil em 1932 pela editora Renascença. *Passos no Caminho* foi traduzido para língua espanhola e publicado em 1946, pela Edições Diana; em 1962, foi publicado também em Madri pela Ediciones Idea. Na década de 50 escreveu dois títulos em espanhol que não foram publicados e comercializados no Brasil, *El mensaje cosmico del Quijote*, em 1950, *Almafuerte* em 1951. O livro de romance *A seara de Caim*, de 1952, foi publicado no Brasil pela editora José Olympio, sendo reeditado mais cinco vezes entre 1952 e 1956. *A Seara de Caim* teve uma repercussão muito grande, trazendo reconhecimento ainda maior para Rosalina no exterior, seu livro foi aclamado pela crítica internacional e publicado em espanhol e francês. Traduzido para o francês, *Les moissons de Caim*, foi publicado pela editora da Livraria Plon, ganhou prefácio de André Maurois, membro da Academia Francesa, que comparou o romance sobre a revolução brasileira com *Guerra e Paz*, de Tolstoi. A edição espanhola ganhou prefácio de Gregorio Marañón, não menos elogioso que o prefácio francês.

Os livros de Rosalina tiveram grande repercussão na América Latina e Europa. Além de publicar vários livros, Rosalina escreveu artigos para os jornais *O Globo*, *O Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *A Nação*. Tanto nos seus artigos como nas diversas conferências por ela proferidas, a autora se posicionava abertamente contra o comunismo e a favor da emancipação e do progresso feminino.

Desde muito jovem Rosalina se interessou pelas questões políticas brasileiras, apoiando na década de 20 o levante dos militares contra a república oligárquica, utilizando, para tanto, de sua influencia nos meios de comunicação para pronunciar seu ponto de vista. Apoiou também os movimentos de 1930 que levaram Getúlio Vargas o poder. Rosalina Coelho Lisboa defendia a moral e a formação cívica, que seriam adquiridos pela sociedade a partir da educação e garantiria ao Brasil maior resistência às ameaças comunistas.

Pelo que se pode perceber, ela angariou grande confiança do presidente Vargas, que a nomeou primeira delegada mulher a representar o Brasil no exterior, em uma conferência em Montevideu, em 1932. Além do mais, Rosalina também era amiga de Oswaldo Aranha, com que também manteve grande número de correspondências. Em outra ocasião, em 1954, Rosalina mandou um telegrama ao presidente comentando sua nomeação como “delegado” em Madri, no qual ela brincava com a semântica da palavra, sugerindo-se como “delegada”, em um contexto no qual as mulheres encontravam raras possibilidades de exercer tal papel.

Rosalina Coelho Lisboa defendia a participação feminina na política, ressaltando nesse sentido a igualdade dos sexos, além de defender o trabalho feminino. Foi uma das mulheres mais influentes por defender a emancipação feminina de seu tempo. Por mais que a grande maioria de suas contemporâneas não conseguiu de fato participação ativa na política, Rosalina participou diretamente e ativamente dos círculos de poder durante o governo de Vargas, exercendo, provavelmente, grande influência no mesmo.

Ela era adepta da Ação Integralista Brasileira (AIB) e apoiou a candidatura de Plínio Salgado para presidente para as previstas eleições de 1938, que foram interrompidas com o golpe de Vargas em 1937. Quando percebeu que a candidatura de Plínio não teria sucesso e teve ciência dos planos de Vargas, foi uma importante intermediária entre os interesses da AIB e os de Vargas nas negociações que perpetuaram Getúlio no poder.

Rosalina manteve-se na vida pública até finais da década de 50, sendo que sua participação durante o período de autoritarismo de Vargas foi bem menos intensa, já que Rosalina discordava de muitos aspectos da política interna do mesmo, chegando a conspirar contra o presidente. Todavia, sua amizade com ele não foi abalada, já que ela continuava a se corresponder com ele e apontar possíveis direcionamentos para o país. Ela era a favor da autonomia do Brasil, criticava a submissão brasileira aos EUA, aos quais ela fazia grandes críticas em correspondências ao Vargas. Em 12 de maio de 1939, Rosalina alerta Vargas para notícias tendenciosas publicadas na imprensa norte americana, que podiam colocar em dúvida a autonomia brasileira, bem como a autoridade e legitimidade de Vargas. Como pode ser observado no seguinte trecho da mesma:

*As notícias sobre a visita do Chefe do Estado Maior Norte Americano ao Brasil esta nos criando uma reputação indesejável antes as outras nações, não pela visita em si, mas pelos termos com que ella vê, oficialmente, sendo anunciada pelos E.U. que evocam ao mundo as nossas “weaknesses”, a nossa “necessity of defence”, a “lack of preparation of military*

*forces”, qual se evocasse o seu direito de defender e resolver por uma colônia, desmoralizando-o para se tornar necessárias.<sup>2</sup>*

Apoiou o alinhamento do Brasil ao Eixo durante a Segunda Guerra e, como afirma Silvia Pantoja, fez parte de uma conspiração contra Vargas quando ele rompeu com o Eixo a favor dos Aliados:

*Contrariada com o rompimento de relações entre o Brasil e o Eixo (1942), participou de uma conspiração contra Vargas, financiada por seu marido, no início de 1943. Entretanto, o golpe, que tinha a finalidade de desagregar o governo, e impedir o esforço de guerra, não foi deflagrado, por ter chegado ao conhecimento de Vargas. Este fato, contudo, não prejudicou o bom relacionamento de Rosalina com o presidente da República.<sup>3</sup>*

Rosalina trabalhou ativamente como jornalista e morou muitos anos fora do Brasil, o que ampliou ainda mais sua visão acerca da política internacional. Residiu na Argentina por 12 anos, período no qual se dedicou a observar e se aproximar de círculos políticos de países da América do Sul. Em 1945 foi pronunciada Diretora dos Diários Associados, ficando encarregada das sucursais de Madri, Lisboa e Paris.

Nas décadas de 60 e 70, Rosalina manteve-se afastada da política e da vida pública, falecendo em 13 de dezembro de 1975, no Rio de Janeiro.

É curioso perceber que uma escritora brasileira tão consagrada internacionalmente e tão engajada na política, não tenha angariado uma análise mais detalhada de sua controversa vida pública. Ora Rosalina demonstrava vanguardismo por ser favorável ao divórcio e defender a igualdade dos sexos, ora posicionava-se conservadoramente pregando a formação moral e cívica como garantidoras da ordem política. De forma, que podemos defini-la revolucionária no campo social e conservadora no campo político.

Na tentativa de representar as contribuições particulares de Rosalina para a sociedade em que viveu, bem como entender em que medida o contexto coletivo interferiu em suas ações individuais, torna-se profundamente relevante delimitar as possibilidades e desafios de uma narrativa biográfica.

Recorrentemente, a biografia é criticada por enfatizar análises individuais em detrimento da coletividade. Giovanni Levi ressalta a crítica de Pierre Bourdieu a esse ponto de vista, que criaria uma “oposição cientificamente absurda entre indivíduo e sociedade” (LEVI,

<sup>2</sup> Carta de Rosalina Coelho Lisboa a Getúlio Vargas informando das notícias tendenciosas sobre o Brasil publicadas na imprensa americana. (Vol. XXXI/74). Arquivo: Getúlio Vargas. Classificação: GV c1939.05.12/2. Data: 12/05/1939. CPDOC.

<sup>3</sup> Fonte: Rosalina Coelho Lisboa. Verbete. CPDOC

2006: 168). Estabelecer uma relação harmoniosa entre indivíduo e coletividade é, segundo Aguirre Rojas, um dos maiores desafios atuais da narrativa biográfica (ROJAS, 2000). Rojas ressalta o papel da história social do século XX para o rompimento com a visão particularizante da história. As novas correntes historiográficas do século XX opunham-se a escola positivista, preocupada com os feitos dos grandes homens, para tratar dos processos universais, das questões da longa duração, que envolvem as coletividades. Estudar a vida de um indivíduo, no entanto, não significa que se estará deixando de lado a importância da longa duração e dos processos coletivos, que podem ser entendidos como o contexto social no qual todos os sujeitos da história se inserem. Rojas salienta que a proposta inicial da biografia é sim retratar os limites da vida de um indivíduo, mas esses, necessariamente, se encontram em um contexto múltiplo específico, que não pode ser ignorado. Pierre Bourdieu também adverte sobre a importância da reconstrução do contexto, por ele denominado “superfície social”, em que age o indivíduo. (LEVI, 2006) Portanto, fica clara a necessidade de inserir as vivências de Rosalina dentro dos problemas e questões de seu tempo.

Associar as particularidades de Rosalina à superfície social da época em que ela viveu viabiliza-se pelo profícuo ativismo e sensibilidade da escritora com as questões e a realidade de seu tempo. Entretanto, tal feito mostra-se uma tarefa de monta, demandando um extenso levantamento documental e uma criteriosa leitura dos textos que ela escrevia, tanto as cartas como os textos literários. A documentação para o embasamento da pesquisa é extensa. Além de seu arquivo pessoal, localizado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV, encontram-se cartas que ela escrevia ao presidente Vargas e inúmeras matérias e notas que saíam quase diariamente na imprensa, retratando sua participação nos mais diversos programas, festas, eventos e associações da alta sociedade carioca.

A proposta de narrar a vida de Rosalina Coelho Lisboa a partir de uma perspectiva biográfica não isenta a pesquisa de um compromisso com a metodologia historiográfica. Giovanni Levi destaca que os problemas metodológicos da historiografia dizem respeito à biografia. Essa, por sua vez, se consiste em um “canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 2006: 169). Portanto, a pesquisa biográfica de Rosalina segue os parâmetros historiográficos

de discussão bibliográfica, análise das fontes e recorte temporal, que se estabelece em conformidade com o período no qual a protagonista foi mais atuante no cenário político, cultural e social, compreendendo assim as décadas de 20, 30 e 40. Atenta-se, no entanto, para a incapacidade do historiador de “enumerar os incontáveis aspectos da vida” (MOMIGLIANO apud LEVI, 2006: 168) o que, por vezes, se torna uma grande expectativa de leitores em relação às narrativas biográficas.

O cuidado para inserir a biografia de Rosalina nos parâmetros historiográficos ajuda a romper com uma das principais críticas desse estilo narrativo. Tal crítica concerne na associação da biografia a um discurso literário de menos valor, não comprometido com uma “verdade histórica”. A distinção entre biografia e história tem suas raízes na Antiguidade Clássica. Como aponta Philip Levillain, os gregos distinguiam o texto histórico (que retratava questões coletivas e estava comprometido com a veracidade dos fatos) do panegírico (narrativa poética preocupada em exaltar os feitos de homens de prestígio, consistindo-se de um elogio a heróis). Sabina Loriga, em seu livro *O pequeno X: da biografia à história*, salienta que esses conflitos referentes aos limiares que aproximam e separam a biografia da história se prolongam por séculos.

Outra questão a desafiar os biógrafos atualmente se refere à relevância do personagem eleito para a biografia. Recorrentemente as biografias foram utilizadas para retratar figuras importantes, personagens heroicos da história, o “grande homem”, com expressividade pública e política. Esse foco biográfico foi um dos principais motivos de críticas ao estilo narrativo, feitas por historiadores do século XX, preocupados em fugir do modelo positivista da história oficial, contada de cima para baixo. A história positivista, tão criticada por historiadores da sociedade, estava presa aos textos e documentos, aos acontecimentos espetaculares e à exaltação de heróis. Rojas diz que o positivismo do século XIX trazia

*una historiografía muy ligada a los acontecimientos puntuales pero ao mismo tiempo resonantes y llamativos del drama histórico humano, que es por consecuencia también muy biografica, recuperando y ressaltando enormemente el peso de las grandes decisiones de los 'heróes' y el rol fundamental de las vidas de los grandes personajes en la definición de los destino de ese drama. (ROJAS, 2000: 11)*

Em contrapartida, as correntes historiográficas que despontaram ao longo do século XX (a nova história econômica e social, a história socialista britânica e, posteriormente, a micro história italiana) rompiam com a perspectiva positivista de valorizar os feitos dos

grandes homens. Apesar da micro história, que surgiu na década de 80 na Itália e trazia à tona a importância de personagens anônimos para a história, as outras correntes davam mais espaço às análises universalizantes, destacavam a importância das coletividades para o processo histórico. Esse novo fazer historiográfico acabou negando o papel das contribuições individuais para a sociedade e relegou as biografias ao ostracismo. (ROJAS, 2000)

Aguirre Rojas destaca que nesse período algumas biografias ainda eram produzidas. No entanto, essa produção estava ligada à manutenção de uma história oficial, sustentada e defendida pelo estado. Portanto, esses discursos biográficos não fugiam do modelo positivista e se vinculavam às preocupações mais literárias das pessoas, contribuindo para um processo de vulgarização biográfica.

Atualmente são incontestáveis as possibilidades de se retratar trajetórias de vida de pessoas comuns. Além disso, fica-se evidente a viabilidade de se construir uma narrativa que valorize as particularidades dos indivíduos para a história, que não deixe de ser crítica e analítica porque é feita a partir de um singular e não coletivo. Estudos como o de Carlos Ginzburg sobre o moleiro Menocchio comprovam como é possível ser fazer uma boa reconstituição histórica a partir da trajetória de um indivíduo comum, o que possibilita novos olhares para a história.

Benito Schimdt salienta que as biografias atuais não precisam mais trazer indivíduos-exemplos para sociedade, sejam esses exemplos bons ou ruins. Os indivíduos elegidos para biografias devem embasar a compreensão de contextos amplos. Não obstante, a escolha do personagem não se dá apenas pela importância do mesmo na sua sociedade, mas também pelas possibilidades que sua narrativa de vida oferece para se elencar um pouco das questões coletivas, do contexto social (SCHIMDT, 2000: 55). A biografia de Rosalina, definitivamente, não se trata da narrativa de uma pessoa comum, mas de uma mulher possuidora de relevante papel na realidade em que viveu. Com a análise das fontes históricas, nota-se que os seus contemporâneos reconheciam esse papel. Curioso é pensar nos meandros de sua trajetória de vida que a relegaram ao ostracismo.

Ao biografar uma mulher na posição de Rosalina, as questões metodológicas extrapolam os limites da discussão sobre o fazer biográfico e se esbarram também na problemática do gênero. O conceito de gênero foi concebido a partir de uma demanda

acadêmica, oriunda de uma série de estudos de história das mulheres. O emprego desse conceito, segundo Joan Scott, viabiliza constatações mais analíticas da realidade feminina (SCOTT, 1992). Isso porque a “diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero e é uma construção social e histórica” (NOGUEIRA, 2008).

Ao se analisar as particularidades comportamentais de Rosalina na sociedade em que viveu, não se pode desprezar o seu gênero. Suas atitudes, posições e limitações estão diretamente relacionadas à sua condição feminina. Se uma biografia é preocupada em analisar as contribuições pessoais e de livre vontade de um indivíduo diante de circunstâncias externas de uma sociedade, logo, torna-se de igual importância saber como e quanto as circunstâncias externas limitam ou viabilizam esse comportamento particular, que dá vida à narrativa biográfica. Remontar à condição feminina na primeira metade do século XX ajuda a perceber os circuitos de sociabilidade nos quais Rosalina se inseria.

Nesse sentido, vale ressaltar que a liberdade individual que o sujeito possui dentro de uma sociedade, para se posicionar e contribuir com suas particularidades, não possuiu o mesmo grau ao longo da história. Segundo Aguirre Rojas, a individualidade humana é uma construção histórica, já que a noção de indivíduo é socialmente construída. Esse autor ressalta a impossibilidade de se constituir a vida de uma pessoa ignorando os níveis de individualização que os sujeitos conquistam ou perdem, sucessivamente. Para ele, o avanço da individualização está longe de ser cumulativo.

Rojas trabalha com três linhas de individualidade propostas por Michael Foucault em *História da Sexualidade*, das quais os sujeitos da história partilhariam. A primeira linha se refere ao grau de liberdade dado ao indivíduo dentro de uma sociedade. A segunda se relaciona à afirmação externa do indivíduo frente aos outros. Por fim, a terceira linha de individualidade seria a auto percepção do indivíduo acerca de sua própria afirmação no mundo. (ROJAS, 2000: 20)

Considerando a correlação desses níveis de individualidade, elevam-se as possibilidades de se traçar uma narrativa biográfica que equilibre bem as contribuições individuais e coletivas para a construção histórica. Aplicando essa perspectiva ao caso específico de Rosalina, deve-se, portanto, analisar as condições e possibilidades usufruídas



pelas mulheres na sociedade carioca nas primeiras décadas do século XX. Deve-se ainda, observar a maneira como Rosalina se portava diante dessa sociedade, como encarava essas limitações, como empreendeu sua luta para romper com as barreiras que restringiam a liberdade individual das mulheres. Desse modo, talvez seja possível constatar como era a autorreflexão de Rosalina sobre sua condição de mulher naquela sociedade, sobre seu papel na luta por transformações políticas que tocam tanto a questão da emancipação feminina, como o modelo de sociedade por ela idealizado.

### Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In.: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia”. In.: FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 2006.

\_\_\_\_\_. “Sobre a micro-história”. In.: BURCKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. **Fazendo Gênero 8, Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya\\_01.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf).

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. “La biografia como género historiográfico. Algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales”. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema”. In: \_ (org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.